



CARRANCA

ORGÃO INFORMATIVO DA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE – CMFL – 02-2015 – Abril-

Junho-2015

Editorial

Congressos de Folclore: a Centralidade Itinerante

Nossa companheira de Comissão Mineira de Folclore, Lúcia Tânia Augusto, certa vez se encantou com a romaria anual que anima o Cemitério do Peixe e se dispôs a estudar esse fenômeno estranho a toda a realidade preponderante nesse nosso mundo perdido de meu Deus – moderno - sob o enfoque de uma linha de pesquisa conhecida como “Não Lugares”.

Tive a satisfação de acompanhar essa companheira e participar de muitas conversas – o estudioso de folclore não faz entrevista; conversa com atenção ao saber do outro e o guarda para incorporar ao saber pessoal -. Entre uma sequência de lendas ouvidas, um relato ofereceu-me certeza para compreender o que possa ser um “não lugar”. No cemitério, as pessoas deixavam para os mortos uma oferta e trocavam com os vivos os produtos necessários à própria subsistência. Um agricultor levava uma saca de feijão, colocava junto ao cruzeiro localizado no meio do campo santo, e levava para casa uma banda de toucinho salgado. Outro colocava junto à cruz uma carga de rapadura e retirava para o sustento da família uma saca de milho. Cada um deles deixava para as almas – note-se: almas e não mortos – uma quantia em dinheiro depositada num cofre.

Dezenas de cavalgadas se dirigem ao cemitério para celebrar a vida das almas. Na chegada, cavaleiros e cavalos são ensopados de água benta e esses animais abençoados consolidam um comércio sui generis.

A romaria ao Peixe fixou um gênero de reprodução que lembra narrativas de Heródoto. Moças virgens retornavam prenhas e após um casamento “apertado” – leia-se: o Don Juan é pressionado pelo bacamarte ou a pistola do pai – compareciam um ano depois para batizarem o fruto da bênção das almas. Outras, mais bem comportadas, escolhiam as almas para apadrinharem a união de um namoro brotado de encontros em anos anteriores.

Cemitério do Peixe fixa e confirma a hipótese do surgimento do urbano, segundo a interpretação de Lewis Mumford. Segundo esse autor, o urbano precede a cidade e tem suas raízes nos primórdios da humanidade em lugares escolhidos para sepultamento, aos quais, povoações nômades retornavam periodicamente.

Pois bem, quero usar a Romaria ao Cemitério do Peixe como metáfora para a compreensão dos Congressos de Folclore – e talvez, com alguma violência, aos congressos em geral – como expressão de não lugares.

Há algumas diferenças que, espero, não alterem o valor interpretativo da metáfora. Talvez a principal delas se assente na característica de que os Congressos não consoli-

dem um lugar fixo. Marcam centralidades itinerantes. Contudo, mais do que qualquer outro tipo de congresso, os de folclore se assemelham enormemente com o que se concretiza no Cemitério do Peixe.

Se não, vejamos. As múltiplas especialidades que são o trunfo da divisão do trabalho acadêmico exibem ali o seu não lugar, o que é muito diferente de “as ideias fora do lugar”.

Como resposta à pergunta o que você estuda, ou o que você é? Num Congresso de Folclore o médico se depara com sua “não Medicina”; o historiador com sua “não História”; o literato, com a “não Literatura”, o etnólogo, com a “não Etnologia”; o economista, com a “não Economia”; o farmacólogo, com a “Não Farmacologia”; o fisioterapeuta, com a “não Fisioterapia”, o sociólogo, com a “não Sociologia”; o musicólogo, com a “não Musicologia”; o pedagogo ou andragogo, com a “não Pedagogia”; o psicólogo, como “não Psicologia”, o linguista, com a ‘não Linguística”, o teólogo, com a “não Teologia”, o estatístico com a “não Estatística”; o demógrafo, com a “não Demografia”, e o urbanista se depara com o “Não urbanismo. A centralidade itinerante determinada pelo encontro do que não é – a marca do não lugar -, espaço de co-presença, convergência da multiplicidade dos tempos sociais e esforço de compreender o não nas categorias classificatórias e redutoras da multiplicidade do saber viver. Era uma vez as especialidades da divisão do trabalho intelectual e, para susto de todos, a conversa flui solta, sem amarras burocráticas.

Diante da pergunta, onde se encontram tantas especialidades? O leitor mais espertinho pode pensar: de um congresso como este todo mundo vai sair Folclorista!

Puro engano. Cada um vai se confundir com o “povo” que era, ou deixou de ser, e cuidará de compreender melhor os móveis da dominação em nome de um saber pseudossuperior.

Coisas como essas: por que, como “povo”, confundimos Justiça como Vingança. Educação como imposição de valores. Desenvolvimento humano, como crescimento econômico. Produto Interno Bruto como riqueza. Saúde como mais remédios. Trocas como “contos do vigário”; Poder como malversação de recursos públicos. Autoridade como “corpo fechado”; Espaço como enclave fortificado; Púlico, como o que não é de ninguém. Liberdade com o que só eu posso. Festa como eventos; Cultura, como saber especializado ou privilegiado; saber como credenciamento burocrático. O inútil como desnecessário. Verdade como certeza pessoal. Tolerância como valor último da convivência na diversidade. Crença como confronto. O Ter e Parecer como o Ser. A Vida como um Drama.

José Moreira de Souza

Notícias & Comentários

Aconteceu

Moura Medalha 8 de outubro

Nosso companheiro, Antônio de Paiva Moura, foi condecorado com a Medalha “Saul Martins” conferida pela Academia de Letras “João Guimarães Rosa” da Policia Militar de Minas Gerais.



Reunião 31 de janeiro 2015 Centro de Celebração de Minas

A diretoria da Comissão Mineira de Folclore se reuniu no dia 31 de janeiro em sua sede provisória cedida pela Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte – Centro Cultural Salgado Filho – com o objetivo de elaborar a agenda das atividades de celebração do aniversário da Comissão – 67 anos = 2/3 de percurso em direção ao Centenário – responder a uma audiência com o senhor Secretário de Estado de Cultura de Minas Gerais, Ângelo Oswaldo e avaliar o andamento das atividades preparatórias para realização do XVII Congresso Brasileiro de Folclore.

Por enquanto, o **Centro de Celebração de Minas** é apenas uma promessa. Faltam-nos condições de mantê-lo efetivamente como oportunidade de encontro para conversas e estudos necessários à compreensão de nosso saber viver e dialogar com a multiplicidade das conformações dos espaços em nossa formação social. Porém, estamos próximos a ver realizada essa promessa em decorrência do compromisso assumido publicamente pelo Senhor Secretário de Estado de Cultura de Minas Gerais. Ângelo Oswaldo anunciou que a Comissão Mineira de Folclore terá sua sede no edifício histórico da Praça da Liberdade em convívio direto com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA.



Capoeira Moçambique – 22-março

O reconhecimento da Capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade acontecido em 24 de novembro de 2014 ensejou um estreitamento maior da Comissão Mineira de Folclore com o Conselho da Capoeira e os diferentes grupos que promovem rodas de capoeira. Esse reconhecimento antecipa o projeto em nível estadual de reconhecer como tal o “Congado” nessa mesma categoria.

Com efeito, o reconhecimento do “Jogo da Capoeira” tem maior apelo por ser uma expressão étnica de resistência, por se inserir na década de vinte do século passado no rol de expressões de lutas marciais de Educação Física e por se submeter plenamente no contexto das relações seculares e civis de um Estado livre da tutela religiosa.

Sob esse aspecto, o Jogo da Capoeira se presta como expressão plena para manifestação no espaço urbano e também como arte a ser aprendida e praticada nas academias de ginástica. Agregando-se a tudo isto, a Capoeira fixa também a identidade étnica tal como defendem as políticas públicas que enfatizam os quilombos como metáfora.

No caso do “Congado” como rito religioso, seu reconhecimento é mais restrito tendo em vista o reconhecimento no Estado Civil “leigo”, isto no

Brasil, se fosse na Alemanha, não haveria esse empecilho. É mais fácil reconhecer o batuque ou o candombe como Patrimônio Imaterial sem violentar o cerne dessas expressões como saber popular tradicional.



Com o Congado, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Senhora das Mercês, ou Santa Efigênia deveriam ser esquecidos para restar apenas os passos da dança.

Informe-se mais em:
<http://www.portalcapoeira.com/>



Capoeira como patrimônio imaterial Espaço da Capoeira e Balaio da Capoeira

Notícias & Comentários

Dênilton e seu percurso 27 de março

Nosso companheiro de Comissão Mineira de Folclore, Dênilton Diamantino, lançou, no dia 27 de março no auditório do CREA o primeiro de uma série de três documentários sobre os “Navegantes do Velho Chico”. A série se abre com “Remeiros do Rio São Francisco” e prossegue com “O tempo dos Vapores” para encerrar com os “Barrankeiros” – o saber viver da população ribeirinha.

A imprensa soube acolher e reconhecer a importância do trabalho incansável desse nosso companheiro devoto do Rio de São Francisco. Após o lançamento em Belo Horizonte, “Remeiros do Rio

São Francisco” foi lançado ao longo das cidades que se identificam com o Rio da Integração Nacional. Januária, Pirapora, São Francisco, Manga, Juazeiro, Bom Jesus da Lapa e Montes Claros.

Dênilton é um poeta no sentido em que se deve atribuir

à poesia como síntese da arte. Em cada documentário o autor se mostra completo: “fotografado, editado e dirigido por Dênilton Diamantino” – lê-se em “Anunciação”. “Edição, Roteiro e Direção Deniston F. Diamantino” – lê-se em “Encomendação das almas”. É um autor completo. O que se vê em “Carinhanha, um rio do Grande Sertão”, “Vila do Céu”, “A vida e a dança de São Gonçalo”, “São João na Roça”, “Xingó”, “Sentinela”, “O Velho do Rio”, “Cerrado, o Pai das Águas”, “O Rio São Francisco” “Santos Reis” e muito mais.

Dênilton nasceu no dia 19 de março de 1961 – dia de São José – e para expressar sua identidade pelo apreço ao folclore, **Cursou Engenharia Elétrica na Universidade de Brasília (UnB) e graduou-se em Processamento de Dados pela Católica de Brasília.** Visitem: <http://www.oparavideos.com.br/>

11 de abril – Belo Vale, a vez de conhecer Médio Paraopeba e seu saber viver

Nosso companheiro, Antônio de Paiva Moura, lançou solenemente na cidade de Belo Vale, no dia 11 de abril seu livro *Médio Paraopeba e seu saber viver*, por iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Vale.

O evento foi na Biblioteca Pública Municipal. O prefeito de Belo Vale, José Lapa dos Santos abriu a solenidade, dizendo que se sentia honrado em ser um dos apoiadores do lançamento daquele livro. Antes dos autógrafos o autor proferiu palestra sobre as peculiaridades históricas da microrregião do Médio Paraopeba. Estiveram presentes as seguintes personalidades: José Lapa dos Santos, prefeito municipal de Belo Vale; Ermir Fonseca Moreira, prefeito municipal de Bonfim, Aparecida Moura, representante do Secretário de Estado da Cultura MG; Maria das Graças Fernandes de Araújo, reitoria da UFMG; Genice de Castro Marinho, secretária municipal de cultura de Belo Vale; Reginaldo Oliveira, secretário municipal de cultura de Bonfim. Estiveram presentes muitos professores de Belo Vale, parentes e amigos do autor. Fazendo uso da palavra, Ermir Fonseca Moreira, Aparecida Moura,



Antônio Perboyre de Moura. Todos ressaltaram a importância da obra *Médio Paraopeba e seu saber viver* para a referida região.

Angelo Oswaldo do Santos, secretário de estado da cultura de Minas Gerais enviou carta ao autor conforme transcrição abaixo:

Saudação a Antônio de Paiva Moura

É com alegria e entusiasmo que saúdo o escritor Antônio de Paiva Moura pelo lançamento de “Médio Paraopeba e seu Saber Viver”. Admirado autor de textos historiográficos e pesquisador do nosso folclore, Antônio de Paiva Moura é um dos valores mais consistentes da cultura mineira, por ser profundo estudioso das origens e raízes das Minas Gerais.

O Médio Paraopeba abriga o “primeiro lar dos mineiros”, segundo o mais eminente historiador da nossa terra, Diogo de Vasconcellos. Refere-se ao acampamento pioneiro do bandeirante Fernão Dias Paes, tão logo o notável sertanista encontrou o rio que o conduziu até às entradas do eldorado do Brasil.

Essa região guarda precioso patrimônio material e imaterial, belas paisagens e sabores excepcionais. Assim, a narrativa de Antônio de Paiva Moura proporciona ao leitor uma viagem singular a todos os recantos mais destacados ou menos conhecidos do grande território.

Aparecida Moura leva a todos o meu abraço de felicitações e meus cumprimentos ao escritor, desejando pleno êxito ao lançamento.

Cordialmente,

Angelo Oswaldo de Araújo Santos

Secretário de Estado da Cultura MG

Notícias & Comentários

Aconteceu

Guardas de Congo - Venda Nova – 24 abril

A Comissão Mineira de Folclore reuniu-se no dia 24 de abril nas dependências do Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional “Lagoa do nado”, com os mestres dos ternos de Congo da Regional de Venda Nova. Nessa oportunidade estreitou-se o diálogo com capitães das guardas e conversou-se sobre a relação dos reinados com as políticas culturais vigentes.



Canto & Viola – 29 de abril

Nossos companheiros Luiz Trópia e Tadeu Martins iniciaram em grande estilo o programa **Canto & Viola** na versão 2015. A persistência desses batalhadores rendeu-lhes a cessão do espaço do Cine Brasil, emblematicamente localizado na Praça Sete.

Na última semana de cada mês um violeiro prendado estará iluminando a noite a partir das 19:30 h.

O dia 29 de abril foi oportunidade de conviver com Wilson Dias, o qual foi apresentado com essas palavras:

Wilson Dias, cantador, compositor e violeiro, canta com alegria e compromisso a terra, a arte, a cultura e a alma de sua gente. E seu canto é legítimo e forte porque tem suas raízes fincadas no mesmo chão onde vive e canta o seu povo. Toda a força deste talento mineiro, toda a riqueza de sua arte musical estão bem representados nos seus discos, gravados ao longo de mais de quinze anos de trabalho e de muita estrada. Neles estão presentes sua visão de mundo, seu respeito à natureza, seus valores éticos e seu compromisso sócio-culturais, dos quais Wilson Dias, sempre coerente com o que pensa e canta, não abre mão.

Wilson foi um dos 12 violeiros escolhidos como destaques para representar os mais de 400 violeiros e violeiras do Festival Voa Viola, foi selecionado para se apresentar na cidade de Recife, no Teatro de Santa Izabel. Ainda no Festival, foi premiado entre as cinco modalidades que assinalaram a diversidade das expressões ligadas à viola no Brasil.

Em Janeiro de 2011, recebeu o Prêmio Rozini de Excelência da Viola Caipira, concedido pelo IBVC – Instituto Brasileiro da Viola Caipira.

Wilson Dias é um dos violeiros que percorre Minas Gerais há 11 anos com o projeto “Causos e Violas das Gerais”, do SESC-MG, aplaudido por mais de 400.000 pessoas em mais de 200 cidades.

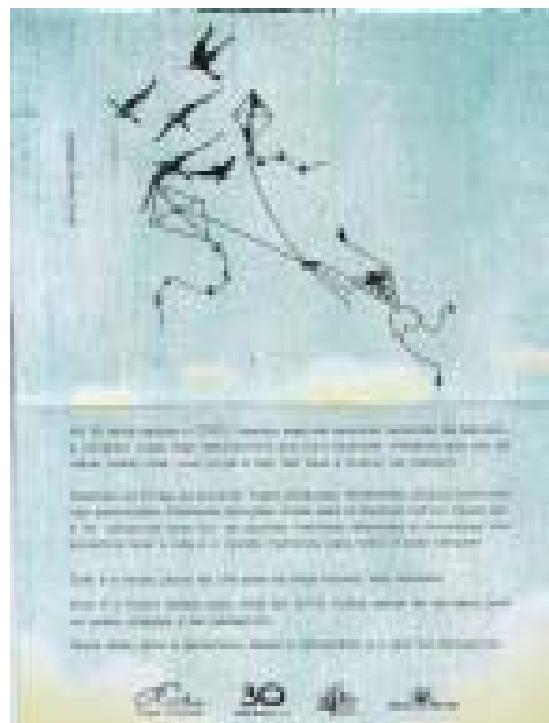
Wilson Dias é um expressivo exemplo da cultura mineira, ele não é só um violeiro; é um violeiro-poeta que canta através do instrumento as coisas e causos que compõe a identidade do verdadeiro mineiro. Quando Wilson Dias está no palco ele nos confunde de tal maneira, que não sabemos onde começa o seu corpo e onde termina a madeira da viola. A viola é seu terceiro braço, é a extensão de seu corpo.

Wilson Dias é um homem que tem por alma uma viola...e é por isso que ele é grande!

Wilson Dias é o Chico Buarque do sertão!
(Paula do Vale - admiradora)

Os organizadores informam ainda: “O projeto CANTO & VIOLA, realizado com muito sucesso em 2011 e 2012, está de volta. Os shows, um por mês, acontecerão no Cine Theatro Brasil

Vallourec, com um grande violeiro toda última quarta-feira do mês. Durante o ano estarão lá os violeiros [Wilson Dias](#), [Guilherme Faria](#), [Rubinho do Vale](#), [Jefferson Cária & Ronaldo](#), [Ivan Vilela](#), [Paulo Mourão](#), [Pereira da Viola](#), [Bilora](#) e [Chico Lobo](#).



Notícias & Comentários

30 anos do CPCD

O Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento – CPCD – criação e direção de nosso companheiro Tião Rocha – celebra neste ano de 2015, 30 anos de presença no Mundo. Nesse percurso, recebeu reconhecimento da UNESCO, foi escolhido com uma das cinco mais importantes instituições mundiais voltadas para o Desenvolvimento Humano por uma instituição paralela o Prêmio Nobel na Suécia, entre inúmeros feitos, que ultrapassaram as barreiras territoriais de Curvelo, de Minas, do Brasil e do continente americano. Tião é “Gente que Faz”, assim foi apresentado diariamente em rede nacional pelo, então, Bamerindus. Festejado em São Paulo – “Ong Parceira da Escola” - , “Criatividade na Educação” - no Maranhão - “Caminho das Pérolas”, “Cuidando do Futuro” - , em Araçuaí “Cidade Educativa”.

A Comissão Mineira de Folclore deve reconhecer dois momentos dessa história. O primeiro deles quando Saul Martins convida Tião para ingressar como membro efetivo e lhe dedica o livro *Arte Popular Figurativa* – capítulo excluído de sua tese de doutorado -. Tião se dedicou com apreço à Comissão e visualizou, no início dos anos 80, possibilidades para nossa agremiação se tornar mais proativa. Em reunião, na qual propôs uma agenda nessa direção – prestar serviços de valor que correspondessem em sustentabilidade das ações -, foram ouvidas inúmeras críticas insistindo em dificuldades. Aires da Mata Machado levantou a voz e proferiu palavras de oráculo:

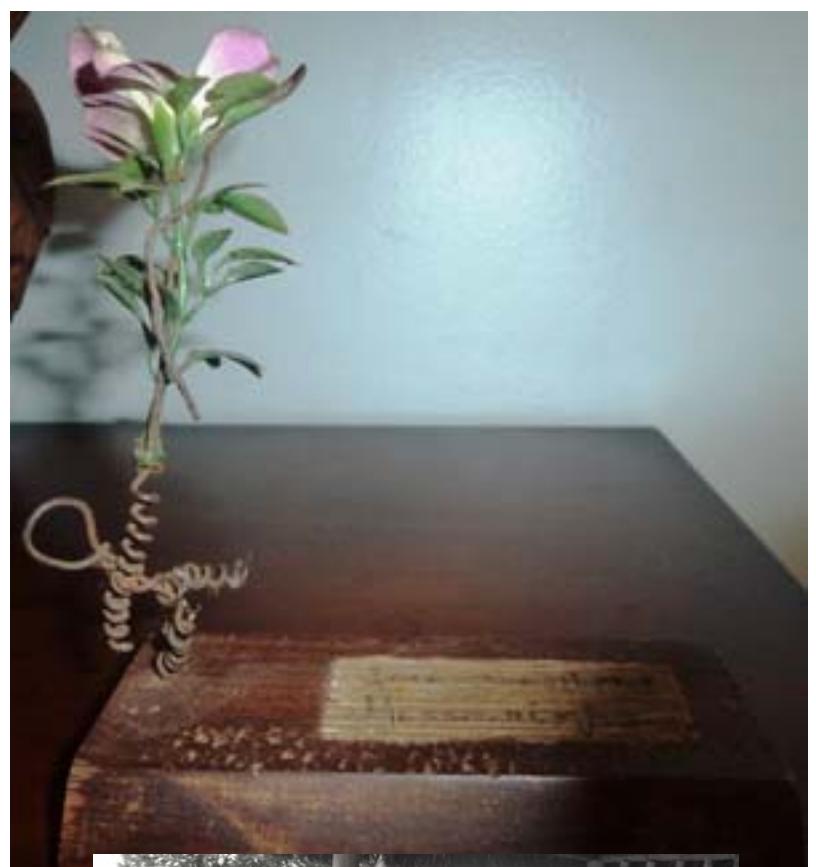
“Você enxergam muito bem e, por isso, ouvem mal. Eu sei ouvir porque enxergo mal. Prestem atenção no que disse este menino. Tudo que ele disse é muito importante.”

Com certo desencanto, Tião criou seu próprio espaço e surgiu o CPCD.

Sempre reconhecido, aceitou, dez anos depois, assumir a presidência da Comissão Mineira de Folclore e colocar à nossa disposição todos os serviços do CPCD. Foram três anos de glória.

Como se sabe, o CPCD é apoio constante às nossas ações e Tião colocou seu escritório sempre disponível para garantir sobrevida à nossa missão.

Eu, José Moreira de Souza, acredito que o percurso de Tião e sua mensagem emblemática estão contidos na arte de um menino de nome Marquinhos que, aos dezesseis anos se apresentou como o Menino Passarinho. Quando a Comissão Mineira estiver estabelecida, na sala do Centro de Celebração de Minas, na Capela Washington Albino, juntamente com os profetas, as esculturas do “Menino Pipa” = “Menino Passarinho” ocuparão o centro de nossas atenções para celebrar Minas e suas contradições.



Notícias & Comentários

Falecimento de Waldemiro Gomes de Almeida – 11 de maio

Nosso companheiro, Waldemiro, faleceu na madrugada do dia 11 de maio e foi sepultado na cidade de Sete Lagoas, onde recebeu as honras de Rei Congo.

• Presença em Vespasiano – 22 de maio

A Comissão Mineira de Folclore participou da programação da Semana dos Museus na Cidade de Vespasiano, onde está sediado o Museu de Folclore Saul Martins, juntamente com a Biblioteca “Angélica de Resende” e a guarda de documentos da Comissão Mineira de Folclore.

Para honrar nossos compromissos, a Comissão se responsabilizou por uma manhã de conversa, no dia 18 de maio, com estudantes das escolas superiores, sobre a compreensão do acervo disponível para visita no prédio que abriga também o Museu da Cidade de Vespasiano.

A noite do dia 22 foi reservada para uma roda de conversa em uma sala do Palácio das Artes “Professora Nair Fonseca Lisboa” da qual participaram os folcloristas Daniel de Lima e seu conhecimento sobre flautas – Flautas Tradicionais do Vale do Jequitinhonha – e José Moreira de Souza que conversou sobre o Saber Viver em Vespasiano. Participou também dessa roda o senhor Ramon Vieira do IEPHA que trouxe para a roda o tema “Museus e Patrimônio na Sociedade Contemporânea”.

José Moreira fez um percurso pelos diferentes lugares de Vespasiano para ouvir dos presentes o seu próprio saber. Recebeu, ao final, como brinde de Sheila Rosa a obra *Resgate Histórico: Comunidade de Bernardo de Souza Vespasiano – MG. Histórias com significados*.

A semana de Museus se estendeu dos dias 18 a 24 de maio.

Dia 26 de Maio: Comitê Gestor do Circuito Cultural Praça da Liberdade Debate Maior Articulação do Projeto com o Espaço Urbano e com Grupos Artísticos do Estado –

(Transcrição do Portal da Secretaria de Estado de Cultura)

Encontro realizado na Praça da Liberdade, que contou com a participação de gestores culturais e representantes da Prefeitura de Belo Horizonte, propôs o fortalecimento do projeto sob o viés da política de cultura do estado.

Foi realizada, no dia 26 de maio, no prédio da antiga Secretaria de Viação e Obras Públicas, na região centro-sul de Belo Horizonte, a reunião do Comitê Gestor do Circuito Cultural Praça da Liberdade. No encontro, foram debatidos os projetos da equipe de coordenação do Circuito, que agora está sob a gestão direta do Instituto Estadual de Patrimônio Artístico e Histórico de Minas Gerais (Iepha/MG). Participaram da reunião o secretário de Estado de Cultura, Ângelo Oswaldo, a presidente do Iepha, Michele Arroyo, representantes da Prefeitura de Belo Horizonte, por meio da Fundação Municipal de Cultura e da Belotur, e gestores de todos os espaços que integram o Circuito.

Durante o encontro, Ângelo Oswaldo e Michele Arroyo ressaltaram a importância do Circuito para o Estado e reafirmaram o objetivo do governo de fortalecer o projeto sob o ponto de vista da

política de cultura de Minas Gerais. Dentre as novidades apresentadas, estão a incorporação oficial da Prefeitura de Belo Horizonte no Comitê Gestor, a institucionalização do Circuito dentro da estrutura do governo e a reforma dos edifícios que estão sob a gestão direta do Estado. Outra ação prioritária colocada na reunião foi a reabertura do Palácio da Liberdade para visitação, que está temporariamente suspensa, com uma infraestrutura mais adequada para acolhimento das pessoas e com roteiros para o público que contemplam diferentes olhares da história de Minas Gerais.

Também foram debatidas as novas diretrizes para a ocupação cultural e artística do complexo e apresentado o calendário de eventos de 2015. Para este ano, já está confirmada no Circuito a realização do Festival de Arte Negra (FAN) e do Noturno nos Museus. Como programação autoral, estão previstos uma intervenção artística para o Dia do Patrimônio e uma exposição comemorativa dos 120 anos do Arquivo Público Mineiro.

Ângelo Oswaldo ressaltou a importância do trabalho desenvolvido por empresas e governo na criação e manutenção dos espaços culturais que rodeiam a praça. “As instituições que integram o Circuito Cultural Praça da Liberdade, sejam elas públicas ou privadas, possuem equipes competentes e envolvidas no trabalho. Mas ainda há muito trabalho a ser feito e contamos com a participação de todos”, disse. O secretário lembrou o estado precário em que se encontram alguns prédios do complexo, fazendo referência aos que são geridos diretamente pelo Estado. “Vamos abraçar cada edifício e cuidar para que possam desenvolver suas atividades da melhor forma possível”, afirmou.

Michele Arroyo disse que o IEPHA pretende ampliar o Circuito e construir, em parceria com os representantes dos equipamentos, um modelo de gestão efetivo para o projeto. “Queremos fortalecer o Circuito sob o ponto de vista de uma política pública, ampliando sua articulação com o espaço urbano e cuidando dos edifícios públicos”, ressaltou. Segundo a presidente, o Circuito tem potencialidade para representar diferentes visões da cultura e da arte e isso deve ser levado em consideração pela nova gestão.

Michele também reafirmou a importância da participação da Prefeitura e da sociedade civil para intensificar a programação cultural do Circuito. “Uma parte grande da cultura de Minas se sentiu excluída do processo de discussão do Circuito. Por isso é preciso trazer a diversidade de grupos para a praça e ampliar as possibilidades de uso e apropriação destes espaços”, concluiu.

De acordo com a presidente do Iepha, além dos museus e espaços culturais, a praça, como parte do Circuito, também tem a vocação de ser um espaço da multiplicidade e, por isso, merece novos olhares e roteiros capazes de abranger toda a sua importância como equipamento de cultura e local de encontro da população.

Foi colocado em discussão também o Circuito e sua articulação com espaços temáticos do entorno, além de questões ligadas à operação diária do complexo como, por exemplo, área de estacionamento para ônibus escolares e de turismo, travessias estratégicas, iluminação, segurança, banheiros públicos e sinalização interpretativa.

Comitês temáticos

Além do Comitê Gestor, que se reuniu esta semana na Praça da Liberdade, ainda serão realizados periodicamente encontros temáticos das equipes do governo e das empresas que integram o Circuito. A gestão do complexo é realizada de forma compartilhada, por meio dos comitês de Patrimônio, Comunicação, Educação e Programação, incorporando nestes fóruns representantes da Prefeitura e da sociedade civil.

Notícias & Comentários

2 de junho: Falecimento Dona Izabel

Faleceu no dia 2 de junho a senhora Dona Izabel Cassimiro Gasparini, rainha conga de Minas Gerais. Dona Izabel fora homenageada em dezembro com o Prêmio Mestres da Cultura Popular de Belo Horizonte e esteve presente dias antes ao sepultamento de Waldemiro Gomes de Almeida, na cidade de Sete Lagoas. As cerimônias de despedida contaram com homenagens dos congadeiros de Minas Gerais, com as palavras de Frei Chico, pela Comissão Mineira de Folclore e o discurso comovido de Kaled Amer Assaury que foi colega de classe da homenageada. O sepultamento se deu no dia seguinte no cemitério da Saudade, onde ela se juntou aos seus parentes.



Izabel homenageada pelo prefeito e pelo presidente da Fundação Cultural de Belo Horizonte



Waldemiro e Izabel no Centro de Referência “Lagoa do Nado”

Lançamento Fundo Estadual de Cultura – 17 de junho

O senhor Secretário de Estado de Cultura de Minas Gerais, Ângelo Oswaldo, anunciou em reunião realizada no Palácio das Artes da Fundação Clóvis Salgado o Edital do Fundo Estadual de Cultura. Esclareceu ainda como se dá o encaminhamento para fixar uma política de Cultura no Estado e o cuidado para fazê-la mais justa e acessível aos promotores culturais.

Drama do Campesinato Negro: Romeu Sabará – 9 de junho

Coforme anunciado na edição anterior do Boletim Carranca, foi lançada no dia 9 de junho a obra *O Drama de um Campesinato Negro no Brasil*. Romeu Sabará da Silva, na Casa do Jornalista. Estiveram presentes os membros, Carlos Felipe Melo Marques Horta, Frei Leonardo Lucas Pereira, Luiz Fernando Vieira Trópia e José Moreira de Souza. O lançamento promovido pela Comissão Mineira de Folclore acontecerá durante a 49ª Semana Mineira de Folclore em duas oportunidades, no dia 25 de agosto no auditório da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, e no dia 27, no Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional “Lagoa do Nado”.



Notícias & Comentários

Aconteceu

Assembleia 20 de junho extraordinária

A Comissão Mineira de Folclore reuniu-se em Assembleia Geral Extraordinária no dia 20 de junho para examinar o andamento das atividades preparatórias para a realização do XVII Congresso Brasileiro de Folclore. Compareceram muitos voluntários prontos para apoiar os trabalhos preparatórios. Nessa oportunidade, informou-se que, embora com atraso, previa-se em cronograma apertado, o dia 10 de junho como última data para início da captação de recursos e instalação de escritório para cumprimento dos prazos. Porem, não se obteve resposta do Ministério da Cultura até aquele momento.

Discutiu-se, portanto, as providências necessárias para avaliar a possibilidade de realização do Congresso ainda no presente ano.



Presença constante
do senhor Secretário,
Ângelo Oswaldo

De bem com a vida – 28 06

A Comissão Mineira de Folclore teve a satisfação de apoiar o projeto e comparecer pela primeira vez no espaço da Praça da Liberdade no dia 28 de junho para participar de uma roda de conversa sobre o tema de Bem com a Vida.



Diversidade	Condições	Tradições
Saber sustentado em valores	Credenciamento Descredenciamento Desconhecimento	Reforçada /Resistida/ Combatida
Hierarquia de Valores	Credenciamento Descredenciamento Desconhecimento	Reforçada /Resistida/ Combatida
Valores últimos	Credenciamento Descredenciamento Desconhecimento	Reforçada /Resistida/ Combatida

São Pedro & Rosário – Cabana do Pai Tomaz – 28 de junho a 12 de julho

São Pedro & Rosário – José Francisco e Dona Odete – 28 de junho a 12 de julho

Não é de nosso conhecimento a presença de urbanistas nas Comissões de Folclore. Há uma exceção. É o competente presidente da Comissão Catarinense de Folclore, professor doutor Nereu do Vale Pereira. Contudo, a busca incessante por renovação urbana é permeada de arquétipos na estruturação espacial. Se os urbanistas estivessem atentos para isso, não perderiam uma festa do ciclo do Reinado de Nossa Senhora do Rosário para se deparar com o que merece o nome de “Centralidade Itinerante”.

Lançamento FestiVale - 26 de junho

A noite do dia 26 de junho foi altamente festiva com a presença do senhor Secretário Estado de Cultura de Minas Gerais, Ângelo Oswaldo, o senhor prefeito de Salto da Divisa e animadas lideranças do Vale do Jequitinhonha para lançamento em Belo Horizonte do Festivale que acontecerá na cidade de Salto da Divisa na última semana do mês de julho.

Diversidade, tradições e credenciamento: o saber viver

“Eis que colocarei entre vós a bênção e a maldição”

Diversidade está em pauta. Assiste-se, de um lado, ao reconhecimento da diversidade das formas de viver e, de outro lado, à luta pelo reconhecimento dessas formas.

Em meio a isso comparecem lutas por valores que se não reconhecem e que se tornam irredutíveis.

A cada forma de expressão diversa corresponde um conjunto de valores defendidos por pessoas em situação de grupo, ou seja, pessoas que se reúnem porque reconhecem esses valores ou porque querem defendê-los como válidos para as ações do cotidiano. Explicitam-se focos das tradições em luta.

O foco da apresentação obedece ao esquema no quadro à esquerda.

Na modernidade, essa forma de estruturação atinge a divisão internacional do trabalho e se inicia com as Exposições Universais, enfatizadas por Napoleão, acentuam-se com as Olimpíadas e se insinuam na ordem local com os campos e campeonatos de futebol.

Pois bem. As festas de Nossa Senhora do Rosário revelam a profundidade de tudo isso e se estendem, principalmente, a partir do mês de maio até novembro. São exemplos de formações regionais. No caso da Cabana do Pai Tomaz, a primeira festa acontece na

Notícias & Comentários

terceira semana de maio; a segunda tem início no dia de São Pedro com levantamento de mastros e termina no dia 12 de julho com procissão solene, missa e muita dança ao longo do dia. No presente ano compareceram guardas de Congo e de Moçambique das cidades de Divinópolis, de Ibirité, e dos bairros vizinhos – Nova Cintra, Altos dos Pinheiros, Nova Gameleira, entre outros. Diferentemente das centralidades itinerantes das feiras, olimpíadas e copas de futebol, essa centralidade celebra a paz urbana sem encenar disputas de quem é o melhor.

Em qualquer festa comparecem centenas e até mesmo milhares de devotos dançantes. A preparação e realização é modelo para compreender o saber fazer festa na cidade.

Os capiões, José Francisco e Dona Odete são exemplos de promoção do estreitamento de relações comunitárias e de compreensão da projeção regional dessas estruturas.

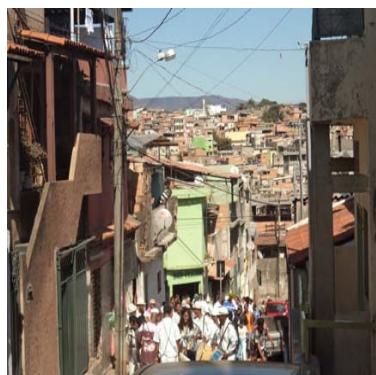
Vale alertar para a necessidade de os poderes públicos dispensarem taxas para conceder licença para manifestações como essas que prestam relevante serviços de interesse público para toda a comunidade.



José Francisco



Divinópolis, a origem: para lembrar a confrontação com o “Coronel” dos canaviais



Celebração da Paz.

Vai acontecer

Fórum Antropologia e Estudos do Folclore: Ressonâncias e Dissonâncias – Maceió – 20 a 22 de julho

Organizado por Oswaldo Giovanini e Wagner Chaves – Participação de Joanna Ortigão Correa

A proposta:

Ao longo das duas últimas décadas emerge na antropologia brasileira um conjunto de trabalhos dedicados a abordar a área de estudos do folclore, que embora tenha alcançado prestígio e relevância no cenário intelectual brasileiro entre as décadas de 1940 e 1960, como bem demonstram Cavalcanti, Vilhena e outros (1992), foi sendo “marginalizada” como consequência dos rumos da institucionalização das ciências sociais no país.

Entre os estudos pioneiros, destaca-se o trabalho de Luis Rodolfo Vilhena intitulado “Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964”, publicado em 1997. A este esforço, somaram-se a contribuição de pesquisadores como Maria Laura Cavalcanti (1990, 1992, 2009) Elizabeth Travassos (1997), Carlos Sandroni (1999), entre outros, solidificando uma antropologia interessada, entre outras coisas, em re-considerar a pertinência dos estudos de folclore tanto na história do pensamento social brasileiro quanto na constituição da própria antropologia enquanto campo de conhecimento.

Em linhas gerais, os referidos trabalhos apontam dois eixos para a investigação etnográfica: o primeiro, na direção de uma antropologia dos estudos de folclore, focaliza a constituição do campo de estudos de folclore a partir das categorias, valores e práticas dos próprios atores que o constituíram; o segundo, no sentido do reestudo de temas comumente estudados pelos folcloristas, como os relativos as festividades, ritos e celebrações da cultura popular, mas desde novos enquadramentos teórico-metodológicos, notadamente influenciados pelo campo de uma antropologia simbólica e/ou de rituais.

Consultando tal literatura, aprendemos o quanto as pesquisas, as produções literárias, museográficas, audiovisuais e institucionais dos estudiosos do folclore contribuíram para o conhecimento em torno das formas de expressão da cultura brasileira, abrangendo em seus estudos a etnologia, contos, linguística, fonologia, religião afrobrasileira, artesanato, música, folguedos, teatro, etc. Compreendemos também que tais estudiosos participaram ativamente do desenvolvimento da antropologia brasileira, seja iniciando em diversas instituições os primeiros cursos de antropologia (como aconteceu por exemplo no Rio Grande do Norte, Alagoas, Minas Gerais, Maranhão) ou pela presença de muitos deles na criação da Associação Brasileira de Antropologia e de Museus etnográficos e regionais em diversos locais do país, tendo ampla ressonância na sociedade brasileira.

Entretanto, acompanhando a trajetória das ciências sociais no Brasil, especialmente nos grandes centros, como Rio e São Paulo, observamos dissonâncias, rupturas, transformações e por vezes

Notícias & Comentários

Vai acontecer

mal entendidos com relação aos estudos de folclore. Autores como Florestan Fernandes (1978) e Renato Ortiz (1992), entre outros, esforçaram-se por superar as pesquisas, teorias e métodos dos folcloristas, considerados por eles como pesquisadores amados, interessados fundamentalmente na descrição e que consequentemente produziram estudos não preocupados nem com o contexto nem com as relações de poder entre as classes sociais. Tais críticas também influenciam pesquisadores e instituições na atualidade, ampliando um gradiente de diferenciação nos debates da área.

A intenção deste fórum será articular um debate em torno das relações históricas e epistemológicas entre os estudos de folclore e temas da antropologia brasileira, entre os quais daremos destaque aos relativos a patrimonialização cultural, ritos e festas, colecionismo, etnologia dos índios do nordeste e estudos afrobrasileiros. Para organização dos debates, estão previstas três sessões: a primeira, intitulada “Antropologia dos estudos de folclore” será dedicada à discussão de pesquisas que focalizam, a partir de estudos de caso, as categorias, valores, práticas e relações que nortearam a produção e atuação de folcloristas Arthur Ramos, Théo Brandão, Ayres da Mata Machado; a segunda, “Ritos e festas da cultura popular contemporânea” será dedicada à apresentação de recentes pesquisas etnográficas que abordam temas comumente estudados por folcloristas, notadamente festas e ritos, mas inspiradas em perspectivas teórico-metodológicas alternativas; a terceira, intitulada “Problematizando Fronteiras: interfaces entre folclore, etnologia dos índios do nordeste e estudos afro-brasileiros” pretende avaliar criticamente as contribuições de determinados folcloristas para a constituição de dois campos que se fizeram tradicionais na antropologia brasileira - o da etnologia dos índios do nordeste e os estudos das religiões afrobrasileiras -, bem como problematizar as fronteiras entre os universos popular (e folclórico), negro e indígena.

Oswaldo Giovannini Junior (UFPB - Comissão Mineira de Folclore):

Título: Recepção e influências: estudos de folclore e festas do Rosário

Através dos ensinamentos de diversos autores tais como Vilhena e Cavalcanti (1990), Travassos (1997) entre outros, percebemos com clareza a importância da pesquisa dos intelectuais envolvidos no Movimento Folclórico Brasileiro. Aprendemos também que a cultura popular tem uma história de circularidade entre o meio popular local de origem e intelectuais pesquisadores ávidos pelo registro (Peter Burke, 1989). Metodologias de trabalho, conceitos, categorias de pensamento destes intelectuais se espalharam pela sociedade e influenciaram políticas públicas, praticantes e lideranças populares e pesquisadores. Atrás dessas ressonâncias e circularidades, aproximações e distanciamentos, pretendo trazer para o debate alguns dados sobre as relações entre Comissão Mineira de Folclore, criada em 1947, especialmente a partir do trabalho do pesquisador Aires da Mata Machado, congadeiros e pesquisadores de Congado de décadas mais recentes. Entre estas influências e circularidades pretendo abordar temas como a mineiridade, sobrevivência banto e continuidade espacial e temporal entre África e Brasil e Minas colonial e Minas moderna. Por outro lado, pretendo comparar estas ressonâncias entre folcloristas e praticantes em outros contextos de festas, como é o caso da Festa do Rosário de Pombal, Paraíba. Neste caso tornou-se emblemático os registros audiovisuais das Missões de Pesquisas

Folclóricas e pesquisas da década de 1970. Tais pesquisas e registros são hoje fonte de informação para os próprios realizadores das festas, deixando evidente processos semelhantes de circularidades e influências (Cândido, 2010).

Joana Ramalho Ortigão Correa (IFCS/UFRJ):

Título: Mario de Andrade, Alceu Maynard Araújo e Inami Custódio Pinto: perspectivas dos estudos de folclore refletidas nas pesquisas sobre fandango

Proponho em minha comunicação tratar de continuidades e contrastes nos estudos de folclore por meio das perspectivas de Mario de Andrade (1893-1945), Alceu Maynard Araújo (1913-1974) e Inami Custódio Pinto (1930-2014) sobre o fandango refletidas em suas pesquisas realizadas em São Paulo e no Paraná. Tomando como ponto de referência uma mesma temática de investigação, pretendo elucidar diferentes concepções e projetos que nortearam suas contribuições aos estudos de folclore no Brasil. Abordarei o tratamento dado pelos autores a questões, estratégias e práticas caras ao folclorismo, como patrimonialização, regionalismo, risco, rumor e resgate. Proponho ainda pensar sobre como articularam, cada um em seu tempo e a seu modo, os estudos de folclore com os campos das artes e das ciências sociais. Por fim, tratarei especificamente da relação entre Inami Custódio Pinto e os fandangueros Manequinho da Viola e Romão Costa com o intuito de pontuar alguns comentários sobre a influência de interlocutores nativos sobre a atuação de folcloristas.

VII Jornada Integrada de Ações do Folclore – Aracaju, Sergipe – 29 a 31 de julho

As Jornadas Integradas compõem fases preparatórias para os Congressos Brasileiros de Folclore. Nesses encontros, os estudiosos se reúnem para conversar sobre estudos desenvolvidos nos respectivos estados e para discutirem a organização definitiva do próximo Congresso.

Os Congressos de Folclore são realizados desde o ano de 1951 e, a partir de 1995, passaram a ter periodicidade definida.

A primeira Jornada Integrada se deu em Minas Gerais, na cidade de Divinópolis, graças ao empenho do presidente da Comissão Mineira de Folclore, Domingos Dinis com apoio da prefeitura municipal daquela cidade.

O XVII Congresso Brasileiro de Folclore deverá se realizar em Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte. A data prevista seria de 26 a 31 de outubro. Contudo, dificuldades de captação de recursos obrigaram a Comissão Mineira de Folclore a adiar para o mês de julho do próximo. Esperamos obter apoios necessários para não interromper essa corrente.

21 de agosto: XVI Colóquio de Geografia - Brasília UNB –

9h - Conferência no XVI Colóquio de Geografia: " De Comunidades negras rurais, quilombolas e guetos negros" Local - Auditório da reitoria da UnB - Romeu Sabará da Silva - Comissão Mineira de Folclore

19h - Lançamento do livro “ O Drama de um Campesinato Negro no Brasil: A comunidade negra dos Arturos”
Local: Restaurante Carpe Diem, 104 sul

49ª Semana Mineira de Folclore – 20 a 27 de agosto

- Abertura dia 20 – Cine Brasil. Show Carlos Farias; Lançamento do Livro do Luís Santiago – *O Mandonismo Mágico do Sertão*. Prêmio Silvio Romero 2014
- 21 – Auditório da Fundação Municipal de Cultura – Lançamento do livro *Brasil Interior* de Manuel Ambrósio - - 19:00 horas
- 22 – Sessão Solene do Dia do Folclore – 14:00 horas – Auditório do SESC Tupinambás – Lançamento da Cartilha *(A)gosto de Folclore*. Com a presença das Escolas da Rede SESC. Posse de novos membros efetivos da Comissão Mineira de Folclore
- 25 - Local a confirmar – Lançamento do livro *O Drama de um Campesinato Negro no Brasil*. Romeu Sabará da Silva. - 19:00 horas
- 26 - Centro Cultural Salagado Filho - Centro de Celebração de Minas - Lançamento da Cartilha *(A)gosto de Folclore*. Com a presença das Escolas da Rede SESC. 14:30 Horas.
- 26 - Auditório da Fundação Municipal de Cultura – Temática do Congresso. Lançamento da edição 3_15 do *Informativo Carranca*.
- 27 – Lagoa do Nado – Lançamento do Livro *O Drama de um Campesinato Negro no Brasil*. Romeu Sabará da Silva. Luís Santiago – *O Mandonismo Mágico do Sertão*. Prêmio Silvio Romero 2014

CARLOS FARIAS

na SEMANA DO FOLCLORE

Dia 20 de agosto – 19:30h

Teatro de Câmara do Cine Theatro Brasil

Carlos Farias é cantor, compositor e pesquisador cultural nascido em Machacalís – MG. A herança deixada pelos negros e indígenas nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri tem inspirado o seu trabalho artístico. Além das músicas da sua autoria, ele recolheu, adaptou e gravou várias canções de domínio público cantadas nessa vasta região de Minas Gerais, contribuindo para a preservação de um verdadeiro tesouro musical. O resultado pode ser conferido nos seus discos: “**Carlos Farias**” (1994); “**Tupinikim**” (2000); “**Batukim Brasileiro – o canto das lavadeiras**” (2002), “**Aqua – a música das lavadeiras do Jequitinhonha**” (2005), “**Carlos Farias – coletânea**” (2009) e “**Devoção**” (2014). Esse álbum recebeu duas indicações ao Prêmio da Música Brasileira 2015. Seu trabalho com o Coral das Lavadeiras de Almenara vem alcançando projeção nacional e internacional. Juntos desde 1991, já se apresentaram em Portugal (Festival de Arte e Criatividade – Ilha da Madeira – 2002), Espanha (Expo Zaragoza 2008) e continuam percorrendo o Brasil com um espetáculo musical emocionante, onde predominam os batuques, sembas, modinhas, cantigas de rodas, rezas, toadas e histórias de vida.

Psicólogo, folclorista, membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore e gestor de projetos culturais, Carlos Farias também realiza shows, oficinas e palestras musicadas sobre diferentes temas, sempre valorizando a pessoa humana e a Cultura Popular.

Neste show, Carlos Farias será acompanhado pelo seu violão e pelo percussionista Aender Reis, apresentando músicas recolhidas ou inspiradas no folclore e na Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais.

Promoção: Comissão Mineira de Folclore – CMFL

Produção Cultural: Luiz Trópia – (31)8893-7806

Ingressos a preços populares de R\$20 e R\$10 pelo telefone 2626-1251, nas bilheterias do Cine Theatro Brasil e no sítio www.compreingressos.com.

Nessa mesma noite e local: **Luís Santiago – *O Mandonismo Mágico do Sertão*. Prêmio Silvio Romero 2014 - Noite de autógrafos**

Notícias & Comentários

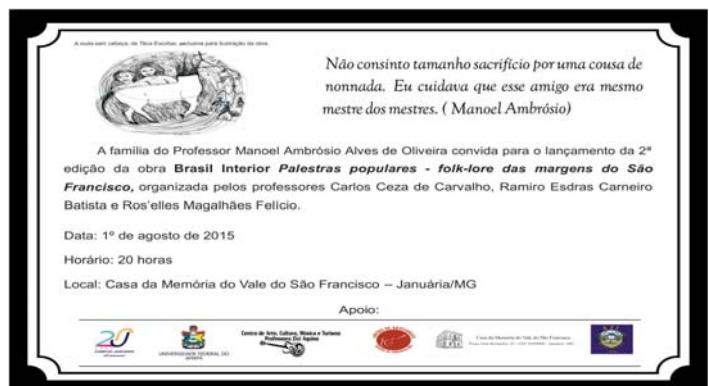
Aguardem a Revista Comissão Mineira de Folclore 28

A próxima edição da *Revista Comissão Mineira de Folclore* já em sua vigésima oitava edição deverá ser lançada no mês de novembro do presente ano. O núcleo da revista são artigos sobre os membros vivos que ocuparam a Presidência da Comissão, após a gestão de Aires da Mata Machado Filho e Saul Alves Martins. Segundo a ordem são: Carlos Felipe de Melo Marques Horta, Antônio de Paiva Moura, Domingos Diniz, Sebastião Rocha, Kátia Cupertino e José Moreira de Souza. São apresentados artigos também sobre nossos decanos: Moacir Costa Ferreira, Antônio Henrique Weitzel, Raimundo Nonato de Miranda Chaves e Antônio de Oliveira Melo.

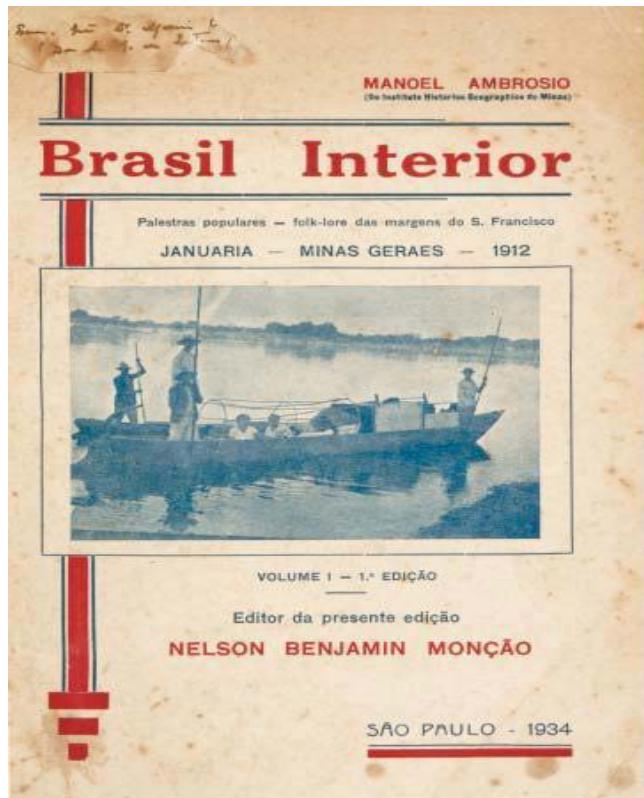
Há também um artigo de alta relevância, entre outros, apresentado em palestra proferida pelo Doutor Hermes de Paula, na Semana de Folclore do ano de 1972 com o título, “Uso do pequi e do pequizeiro no Sertão”.

Extra! Extra! Extra!

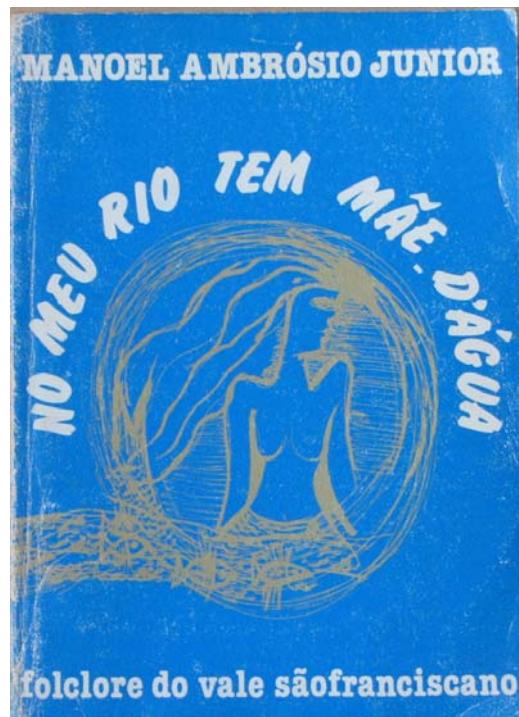
Manoel Ambrósio: Cem anos de estudos de Folclore em Minas



Lançamento em Januária: dia 1 de agosto



Lançamento em Belo Horizonte: Semana Mineira de Folclore, dia 21 de agosto



Isto é tradição: Manoel Ambrósio Júnior - membro fundador da Comissão Mineira de Folclore

Obras incorporadas ao acervo do Centro de Celebração de Minas da Comissão Mineira de Folclore – junho de 2015



Maria Coeli Simões Pires. *Memória e arte do queijo do Serro: o saber sobre a mesa*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

Foi uma surpresa encontrar essa obra preciosa e muito bem editada de autoria de Maria Coeli. Com efeito, Coeli é uma estudiosa do Direito, altamente qualificada e exerceu no governo o cargo de Secretária Adjunta de Desenvolvimento Regional e Urbano e, na gestão passada, o de Secretária da Casa Civil e Assuntos Institucionais.

Na qualidade de secretária da Casa Civil, esteve sempre atenta para as atividades da Comissão Mineira de Folclore, sendo até mesmo a única pessoa desse governo a endereçar correspondência congratulando-se com nossas ações. O encontro com a “Memória do Queijo”, revela a afinidade.

Como estudiosa e professora de Direito, a autora se desdobra em atenção sobre a Estrutura Fundiária, adentra em seguida nas atividades econômicas para se deter na arte de fazer o queijo. Visita e retrata as fazendas do município e torna toda a obra muito saborosa. Se o papel fosse comestível, não restaria nada após a leitura.

Além disso, a obra é acompanhada por um CD onde constam anexos, entrevistas, legislação e tradução para o inglês.

Nesse momento não pude me furtar a trazer meu comentário. Peço ao leitor para examinar a foto acima. O queijo colocado no meio é o certificado com bem imaterial. Como príncipe é ladeado por dois lacaios. Queijos sem rótulo nem certificação. Vejam a seguir o motivo que inspirou esta foto:

A historiadora do Serro, dona Maria Eremita – que, aliás, foi inspetora escolar em Gouveia -, afirma com todas as letras no seu livro Aconteceu no Serro. [Dona Maria, como era chamada, escreveu com muito humor caber uma paródia de Shakespeare ao Rei dos Ratos: “Meu reino por um queijo”. Desmistificou em seguida:] “Nem sempre foi o queijo a principal indústria do Serro, que começou com a mineração do ouro ou do diamante (...)

e caiu nos cinco ‘p’ (pote panela, pito, peneira e pente) e ressuscitou na indústria de laticínios.”

Em abono de sua afirmação a autora convoca outro grande serrano, Nelson de Senna, editor por muitos anos, desde 1903, do Anuário de Minas Gerais, onde examina o desenvolvimento de cada povoado de Minas Gerais, e autor de A Terra Mineira, obra publicada em 1922, ano do centenário da Independência. Pois bem, lembra dona Maria, “O Prof. Nelson de Senna, com todo o seu bairrismo, não menciona o queijo do Serro, sinal de que ainda não era exportável o hoje festejado queijo tipo Serro.”

Já que o Nelson que era bairrista não pode mencionar o queijo do Serro, eu, agora sem nenhum bairrismo registro que o queijo tipo serro foi criado em Gouveia. E nós, digo poder público, encarregados de promover e coordenar a política cultural continuamos dormindo. Vejam esta transcrição que coloquei no Gouveia e seus mitos e que repeti no diagnóstico do Plano Diretor; Os habitantes deste lugar só se remediam com alguns queijos que fazem e mandam vender em Tejuco, ou na Villa do Príncipe;

Encontrando um monte de defeitos em Gouveia no ano de 1832, cem anos antes de o queijo do Serro se tornar famoso, Vicente Ferreira da Cruz escreve para o governador da Província de Minas Gerais, o queijo de Gouveia é vendido em Tejuco – Diamantina – ou na Vila do Príncipe – atual cidade do Serro. Ora, o queijo do Ribeirão é displicentemente vendido todos os sábados na feira sem qualquer discurso que aumente seu valor simbólico. A Secretaria Municipal de Agricultura e a EMATER, além do departamento de Cultura e Turismo têm que se mobilizar.

(artigo publicado na edição Boletim da AFAGO II-04-2009 com o título “A arte culinária em Gouveia”)

Artigos

A BÊNÇAO, MEU PADRINHO!

Olegário Venceslau da Silva

As chuvas intermitentes do mês de julho ousavam cair sobre a terra. Como num festejo continuo pós-ressaca das coloridas noites juninas, nos arraias nordestinos. Nesta amalgama temporal – comemorações e inverno – em que se vive anualmente na terra comum dos homens, as crenças dão um tom a esta aquarela. Os foguetes, verdadeiros sinais de comemoração insistem em ascender aos ares, cuja imponência ofusca os olhares mais atentos.

O odor da pólvora ao explodir, exalava muito mais que meros ingredientes químicos. E na alvorada que surgia, trazendo consigo a esperança de tempos amenos, o som do pífano fazia-se ouvir nas estreitas vielas. Qual maestro frente a pomposa turba de músicos e instrumentistas, o mestre da banda com a flauta entre os lábios, comandava os demais. O cortejo insistia em seguir diante das casas, levando o ícone numa “esmolação” religiosa. Aos estranhos àqueles costumes, indiferentes as suas estórias e credices, passariam de largo sem atentar a beleza implícita daquele momento. A figura do homem que no imaginário popular, encontrou guarida para tornar-se milagreiro, beato e santo -Padre Cícero Romão Batista, recebia as homenagens de seus fiéis.

Sua vida e obras, nas longínquas regiões e desérticas terras do cariri cearense, ultrapassaram os limites geográficos. O velho sacerdote católico, arrastava para si incontáveis números de seguidores, no afã de receber seus conselhos e rezas. O confessionário da secular matriz, sob o orago de Nossa Senhora das Dores na interiorana cidade de Juazeiro



do Norte, era o destino de peregrinos e devotos que rumavam em busca do padim Ciço.

As estradas empoeiradas do nordeste, enfeitadas com os cactos, mandacarus, e sob um sol inclemente testemunhavam amiúde a coragem de um povo, que não obstante as intempéries impostas pela vida, rumavam à “cidade santa” pendurados nos paus-de-arara. Embalados pelas preces sem ritmos, que pareciam um coro divorciado da afinação, os

“benditos” ouviam-se a léguas de distâncias, numa entonação descomunal, transsubstanciada num visível sinal de devoção. Aos poucos as roupas enegrecidas dos fiéis, vão tomando lugar nas ruas, casas e igrejas. E num observar contemplativo, o sentimento de luto transpassa o lugar, como na cerimônia de exéquias a lembrança e pesar sobressaem. De pés no chão, desprovidos de sandálias e alpargatas, sentindo a dor ao pisar na terra árida e pedregosa, os devotos pagam suas promessas, em agradecimento as intercessões do santo nordestino. Mesmo não recebendo as honras dos altares, o padre Cícero é aclamado pela fé popular do povo. As curas, milagres e bênçãos a ele atribuídas, aumentam a fama de santidade do homem nascido entre o velame e a macambira, num sertão permeado pela ausência de água, rigidez da terra e pobreza

extrema. Padre Cícero transformou-se em lenitivo, capaz de amenizar o sofrimento de um povo castigado pela fome, mas cuja intrépida fé os mantém esperançosos.

Vinte de julho. Para uns, dia normal no calendário gregoriano, mas para outros a certeza que suas dores, aflições e dissabores são retemperados pela intercessão diária daquele, cujos nordestinos num ato genuflexo ousam rogar: “- A bênção meu padrinho Cícero”.

(*) escritor, membro da Academia Alagoana de Cultura, sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e membro da Comissão Alagoana de Folclore.

Não vamos deixar os tambores baterem no chão

Andréia Patrícia - Membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore

Há muitos anos já se dizia que quando morre um negro na África é uma biblioteca que se queima. Durante esses 125 anos da Irmandade perdemos muitos mestres, ou seja, grande parte da biblioteca cultural de Justinópolis se perdeu. Mas os que se foram nos deixaram um legado de bons exemplos e uma grande missão: a de não deixar os tambores baterem no chão.

São 125 anos de muitas histórias. Quantos já não passaram por essa Irmandade? A história dos congadeiros, filhos do Rosário, se mistura com a da maioria das famílias de Justinópolis. Desde quando era chamada de Campanhã e alguns congadeiros reuniam-se na “venda” do seu Francisco Labanca para cantar e tocar seus tambores, muitas foram as famílias festeiras, que amam e respeitam o congado, e ajudam a manter a tradição desse belo grupo, tornando-se realmente uma grande família.

Nesses 125 anos, a importância da Irmandade rompeu fronteiras: gravação de CDs, DVDs e apresentação em vários locais, dentro e fora de Minas Gerais.

É chegada a hora de agradecer a cada um que já participou desses momentos festivos, seja como congadeiro ou como devoto. Que eles nos dêem suas bênçãos para continuarmos na caminhada. Para os atuais congadeiros, devotos de Nossa senho-

Artigos

ra, que continuem respeitando as coroas sagradas, que mantêm viva a tradição do grupo. Para os indecisos, parem e olhem os exemplos ao redor. Ouçam o chamado de Nossa Senhora. A vida lá fora é cheia de coisas boas, mas a devoção e a união de mais de um século pesa mais, muito mais.

(Texto escrito e lido na missa da manhã de domingo, na festa de Nossa Senhora do Rosário, em 19 de outubro de 2014, dias após a morte do capitão Zezé.)

Não sei quando o conheci, mas estar ao lado de sô Zezé era simplesmente maravilhoso. Esse homem “magrelim” me passava uma energia singular. E é nessa energia que me apego para tentar transmitir todo o saber que ele me passou.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis, região metropolitana de BH, foi criada há 125 anos. No início eram apenas alguns congadeiros que se reuniam na “venida” de um italiano chamado Francisco Labanca. Essas poucas pessoas tocavam seus tambores e entoavam cânticos do candombe (que é um ritual caracterizado pela dança e canto na presença de três tambores diferentes daqueles que normalmente são usados, e tocados para “abrir o reinado”, ou seja, iniciar os trabalhos de um ano de fé, fazer a coroação dos reis e o levantamento de mastros)

Com o passar do tempo, e incomodado com o desconforto dos congadeiros, sô Chico Labanca (como era conhecido) doou um pedaço de suas terras para que o grupo se reunisse. Hoje, nesse terreno, encontra-se a igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Já se vão 125 anos de festas, de irmandade com os moradores de Justinópolis e de outras regiões, já que na Festa de Nossa Senhora do Rosário, em outubro, é costume receber vários grupos (ou guardas). Nessa festa os moradores de Justinópolis se encontram com aqueles que, por diversos motivos, não moram mais no local.

A Irmandade é muito reconhecida dentro e fora de Ribeirão das Neves. Seus integrantes já participaram de CDs, documentários e viagens diversas, inclusive para o continente africano, aonde trocaram experiências.

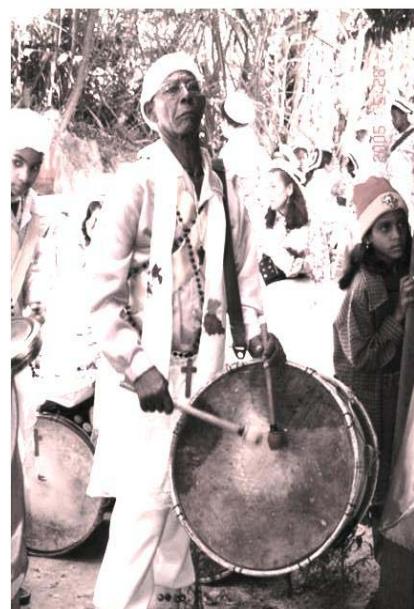
E nesse entusiasmo de comemorações Justinópolis perde um grande conhecedor do congado e da cultura popular: Capitão Zezé, ou Zezinho, sô Zezé, Zé do Congado e outros codinomes. Esguió, tinha uma forma peculiar de dançar e de falar. Foi congadeiro durante quase sete décadas e responsável por levar muitas pesso-

as para a Irmandade. Era um profundo conhecedor do congado, apesar da modéstia

‘Coitado de mim. Tenho pouca leitura. Agora que eu estou pelejando para aprender porque no tempo que eu podia ter aprendido, não aprendi. Quando é mais novo é assim: a gente não liga prá nada. Preciso aprender muito. A pessoa prá quem eu tiro o chapéu é João Lopes, da Guarda de Jatobá... Eu aprendi as regras do Congado porque tinha dois tios meu, irmãos de meu pai, que conheciam muito, então eles me ensinaram, e eu tinha aquela vocação, era muito curioso e fui aprendendo o pouco que sei’. (Depoimento dado à autora)

Seu velório foi de grande comoção, principalmente na hora das falas e dos rituais de despedida. Ao entregar seu rosário e seu bastão á Nossa Senhora do Rosário seu filho Adelmo não conteve a emoção, contagizando a todos. Não menos emocionada, sua filha entoou: “Grande anganga muquiche/ sua gunga não bambeia (...”)

José do Nascimento faleceu em 09 de outubro de 2014, aos 82 anos, deixando três gerações: filhos, netos e bisnetos. As sobrinhas também são congadeiras. Que essa família possa assimilar os ensinamentos do capitão-mor e nunca deixar os tambores baterem no chão



O capitão-mor José do Nascimento, com sua farda de moçambiqueiro. (arquivo pessoal da autora)



José do Nascimento e a folclorista Andréia Patrícia, em um dos vários encontros informais, que transformaram-se num grande aprendizado. (foto Delba Menezes).

Sem recursos o XVII Congresso Brasileiro de Folclore foi adiado para julho de 2016 - Campus da UFMG

Agradecimentos:

Secretaria de Estado da Cultura de MG



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Carranca aceita artigos, notas, comentários, informes em geral de interesse dos estudiosos de Folclore e da Cultura Popular, desde que encaminhados em meio digital.

Formato em Word, fonte arial ou times new roman, corpo 12, espaço 1,5. Identificação do autor.

As fotos devem ser encaminhadas já escaneadas em formato jpg.

Artigos assinados são de responsabilidade dos autores.



CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL
Número 02-15 – abril- junho 2015.

Acessível em www.afagouveia.org.br/ComissaoMineiraFolclore.htm

Diretor Responsável – José Moreira de Souza

Fotos: José Moreira de Souza, Andreia Patrícia de Souza, Luiz Fernando Vieira Trópia

Editoração Gráfica: José Moreira de Souza

Diretoria da CMFL - 2012 - 2014

Presidente de Honra: Domingos Diniz

Presidente: José Moreira de Souza

Vice-presidente: Míriam Stella Blonski

Secretária: Juliana Correa de Carvalho Garcia

Tesoureiro: Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Conselho Fiscal da CMFL

Antônio de Paiva Moura

Edmélia da Conceição de Faria Oliveira

Luiz Fernando Vieira Trópia

IMPRESSO

Remetente

Comissão Mineira de Folclore

Rua Pires da Mota - 202

Bairro Madre Gertrudes

CEP – 30512-760

Belo Horizonte - MG

E-mail: oficinafolclore@superig.com.br